

Revista
SBH

Saúde, Cultura e Atualizações
Ano 2 • n. 1 • 2015



Um novo dialeto médico

**NAS PEGADAS DOS
IMORTAIS**

Marcello Malpighi

CRÔNICA

Jamais esquecerei

BOLETIM SBH

- Muitos brasileiros no maior congresso de hepatologia do mundo
- Primeiro marcador de hepatite B completa 50 anos
- Próximos eventos – agende-se!

Órgão Oficial da Sociedade Brasileira de Hepatologia

Editor Revista SBH

Heitor Rosa

Colaboradores

Edna Strauss

João Galizzi Filho

Joffre Marcondes de Rezende (*In memoriam*)

Waldir Pedrosa Amorim

Colaboradores Convidados

Diretoria Biênio SBH 2014-2016

Presidente: Edison Roberto Parise

1º Vice Presidente: Cláudio G. Figueiredo Mendes

2º Vice Presidente: Deborah Maia Crespo

3º Vice Presidente: Helma Pinchemel Cotrim

Secretário Geral: Edna Strauss

Secretário Adjunto: Hugo Cheinquer

1º Tesoureiro: Isaac Altikes

2º Tesoureiro: Rodrigo Sebba Aires

Representante Junto à AMB: Edna Strauss

Comissão Título de Especialista

Francisco José Dutra Souto

André Castro Lyra

Leonardo de Lucca Schiavon

Comissão de Admissão

Fernando Wendhausen Portella

Cristiane Alves Villela Nogueira

João Luiz Pereira

 Atha Comunicação e Editora

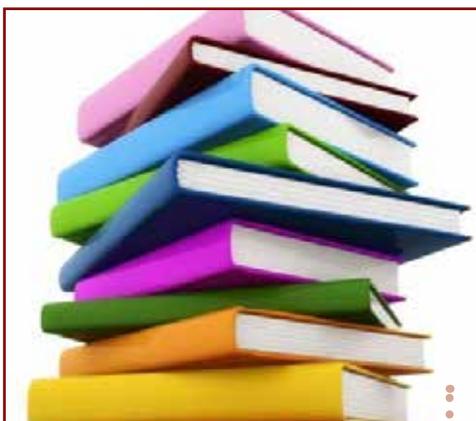
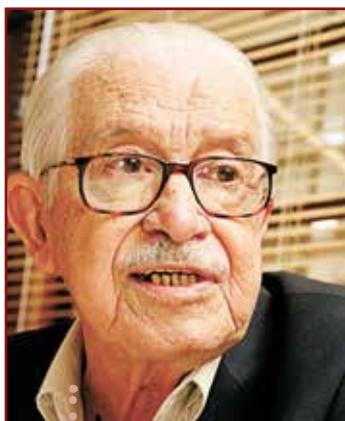
Coordenação editorial, planejamento,
criação e diagramação

Jornalista responsável: Ana Carolina de Assis
latha@uol.com.br

Capa

As tradicionais lâmpadas de *Parco Montagnola* situado ao longo da *Via dell'Indipendenza* na cidade italiana de *Bolonha*, capital da região de Emilia Romagna.

O conteúdo dos artigos dessa publicação é de responsabilidade de seus autores, as opiniões apresentadas não refletem necessariamente a opinião desta publicação.



3 Editorial

4 Carta do Editor

5 Nas Pegadas dos Imortais

Marcello Malpighi

8 Homenagem

A perda de um grande mestre

Prof. Joffre Marcondes de Rezende

10 Linguagem Médica

“Português”: um novo dialeto médico

12 Momento Poético

Um poeta do chão, mestre oleiro dos desenhos verbais de imagens

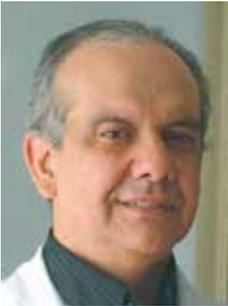
16 Artigo de Opinião

A medicina no mundo que nos cerca

18 Crônica

Jamais esquecerei

20 Boletim SBH



Edison Roberto Parise
Presidente SBH 2014/2016
Professor Associado e Chefe do
Grupo de Fígado da Disciplina de
Gastroenterologia da Universidade
Federal de São Paulo.



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Caros amigos,

Aqui estamos inaugurando o primeiro número de 2015, com boas e más notícias. Continuamos com a mesma qualidade gráfica e editorial, esperando que nossos colegas leitores persistam no apoio à revista.

Lamentavelmente, primeiro damos uma má notícia, já do conhecimento dos gastroenterologistas e demais médicos do Brasil. Nosso querido colaborador, Professor Joffre Marcondes de Rezende, faleceu nesse 26 de janeiro; filólogo, linguista e uma das mais proeminentes figuras na gastroenterologia brasileira, recebe a homenagem desta revista em *In Memoriam*. Antes de nos deixar, dizendo-se incapaz de fazer ou rever novos textos, autorizou-me, como o fez Rubem Alves, a continuar publicando seus textos do livro *Linguagem Médica*, à minha escolha.

Outra recente perda para a literatura brasileira foi a morte do poeta Manoel de Barros, o incrível mágico das palavras e das poesias fantásticas. Com a sensível competência de outro poeta, nosso Waldir Pedrosa, vamos conhecer um resumo da vida e da obra do saudoso pantaneiro.

Desta vez vamos conhecer Marcello Malpighi, o “pai e fundador da histologia e anatomia microscópica funcional”, como nos conta o professor Galizzi, em mais um brilhante artigo histórico.

Fomos honrados com a colaboração do articulista d’*O Estado de S. Paulo* Washington Novaes, o mais brilhante jornalista e conferencista ambientalista do país, cujos artigos são certos diagnósticos. É doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Goiás e gentilmente deu-nos um artigo sobre a relação medicina-saúde-meio ambiente.

Para amenizar a produção de bile melancólica e confortar quem se acha esquecido, ofereço uma modesta crônica sobre o tema.

Espero que tenham todos alguns momentos de lazer com sua revista da SBH.

Abraços

Heitor Rosa
Editor

Marcello Malpighi

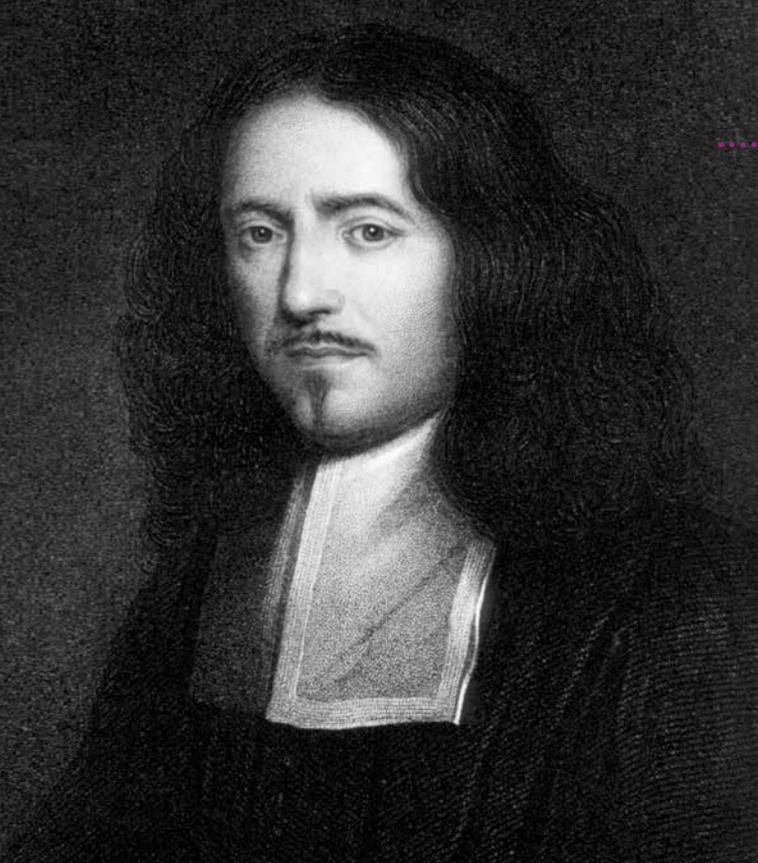
Como você, adepto convicto dos princípios seculares da medicina de Galeno, se sentiria ante um talentoso e determinado pioneiro da anatomia microscópica a questionar conceitos e introduzir novas ideias?

Marcello nasceu em 10 de março de 1628, em Crevalcore, 31 quilômetros a noroeste de Bolonha, na Itália, em família de pequenos proprietários de terras. Foi educado nessa cidade, completando os estudos de gramática em 1645 e ingressando na Universidade de Bolonha, aos 17 anos, em 1646. Teve como mestre Bartolomeo Massari, encantando-se com seus ensinamentos e com sua filha Francesca, com quem mais tarde se casou, ficando, no entanto, viúvo no ano seguinte. Após a graduação praticou medicina e lecionou no “Archiginnasio” de Bolonha, retornando à casa paterna, devido à doença dos pais. Com o falecimento de ambos quando tinha 21 anos de idade, mudou-se de Bolonha para Pisa, ingressando na universidade num grupo de jovens cientistas sob a liderança de Giovanni Alfonso Borelli, médico clínico, naturalista e professor de matemática. Tornou-se seu grande amigo e o melhor discípulo, ocupando a Cadeira de Medicina Teórica. No entanto, voltou à Universidade de Bolonha três anos após por problemas familiares e de saúde, tornando-se professor de medicina e desenvolvendo pesquisas inovadoras com o uso pioneiro do microscópio, avanço tecnológico cuja importância percebera desde o início da carreira. Outros grandes microscopistas da época, como Anton Van Leeuwenhoek, na Holanda, e Robert Hooke, na Inglaterra, haviam feito importantes descobertas em biologia e zoologia usando o aparelho, mas Malpighi, como médico clínico, obtinha grande êxito aplicando a microscopia na pesquisa em medicina. Num momento em que muitos anatomistas de prestígio contestavam a utilidade do novo instrumento, suas descobertas e ideias geraram crescentes controvérsias e discordâncias em Bolonha. O hostil ambiente formado por radicais adeptos dos seculares princípios da medicina de Galeno contribuiu para que



João Galizzi Filho

Hepatologista mineiro, estudioso da história desta especialidade, conta sobre os grandes personagens da Hepatologia mundial.



Malpighi aceitou o cargo de professor de medicina na Universidade de Messina, na Sicília, sob recomendação de Alfonso Borelli e recebendo apoio do Visconde Giacomo Ruffo Francavilla, defensor da ciência. Ocupava, então, a mais importante cadeira da faculdade, regida previamente pelo prestigioso clínico e botânico Pietro Castelli. O tímido pesquisador era também determinado, e as investigações geraram contribuições ao campo da anatomia microscópica que superaram amplamente os argumentos dos contestadores, o que possibilitou, inclusive, novo retorno à Universidade de Bolonha poucos anos após, em janeiro de 1667.

Dois trabalhos fundamentais de Malpighi, incluídos em *De Pulmonibus Observationes Anatomicae*, em 1661 e dedicados a Borelli, representam um marco na história da medicina, descrevendo a microanatomia e a circulação capilar dos pulmões de rãs e comprovando a continuidade direta entre artérias e veias através dos capilares. Completava, assim, o “elo perdido” da circulação sanguínea, como postulado até então apenas pelo destacado clínico e anatomista inglês William Harvey em seu trabalho *De Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus*, de 1628. Não dispondo do microscópio, Harvey não pudera comprovar de modo definitivo a existência dos capilares.

A evolução da microscopia possibilitou a Malpighi descrever, em 1665, a presença de “glóbulos vermelhos de gordura” nos vasos sanguíneos do mesentério de ouriços, uma das primeiras observações das células vermelhas do sangue, cuja importância não teria percebido plenamente, na época. Em outros estudos descreveu as papilas linguais e da pele, sugerindo que poderiam ter funções sensoriais. Investigou também a camada de células da pele, conhecida depois como “camada de Malpighi”. Nessa mesma época publicou pesquisas sobre a estrutura do cérebro, demonstrando que a substância branca consistia de feixes de fibras que conectavam o órgão à medula espinhal, além de descrever os núcleos cinzentos existentes na mesma.

Publicou, em 1666, *De Viscerum Structura Exercitatio Anatomica*, estudo em que descrevia com detalhes as estruturas de fígado, baço e rins. Dissecando o fígado com o uso do microscópio, identificou pequenas estruturas ou “lóbulos”, que comparou a cachos de uvas. Tais lóbulos já teriam sido observados por J. J. Wepfer em fígados de porcos, em 1664, dois anos antes das publicações de Malpighi. Francis Kiernan observou, em 1883, que Malpighi teria se referido, na verdade, a dois tipos de corpúsculos, os *lóbulos* e os *ácinos*, denominações que foram depois usadas indistintamente por anatomistas para designar a mesma estrutura. Cada lóbulo seria composto de “minúsculos corpúsculos globulares como sementes de uvas” interligados por vasos centrais. Tendo-os observado nos fígados de várias espécies, concluiu que os lóbulos seriam as “unidades funcionais” do órgão. Acreditava que tais estruturas, que tinham também tecido conjuntivo, fossem supridas por finos vasos sanguíneos aferentes e eferentes, além de conter ductos biliares. Teriam, portanto, atividade secretora, e uma das funções do fígado seria a de uma glândula, sendo o ducto biliar a passagem do material secretado, ou seja, a bile. Isso comprovaria não ser mesmo secretada na vesícula biliar, que seria apenas um reservatório temporário no trajeto da bile para o intestino. Aventou a possibilidade de que essa secreção fosse útil na digestão dos alimentos.

Malpighi ficou muito conhecido por seus estudos sobre a microanatomia renal, demonstrando que a camada mais externa dos rins era composta por inúmeros vasos vermiformes que chamou de canalículos

Estudos sobre o suprimento sanguíneo do baço mostraram que este não seria uma glândula, mas, sim, um órgão vascular contrátil. Malpighi descreveu também os corpúsculos linfáticos no baço, conhecidos hoje como “corpúsculos de Malpighi”. Detectou ainda proliferações linfadenomatosas nesse órgão, descritas mais tarde, em 1832, por Thomas Hodgkin e denominadas “doença de Hodgkin” por Samuel Wilks, em 1856. Malpighi ficou muito conhecido por seus estudos sobre a microanatomia renal, demonstrando que a camada mais externa dos rins era composta por inúmeros vasos vermiformes que chamou de canalículos, correspondendo aos túbulos renais. Embora sem comprovar, sugeriu a continuidade entre os canalículos contorcidos e os túbulos retilíneos na camada



central de tecido, a medula renal. Descreveu os glomérulos renais – os “corpúsculos de Malpighi dos rins” –, como “glândulas muito pequenas” que seriam conectadas a extremidades terminais de artérias e a veias, pensando ser sua função secretar a urina. Não observou, contudo, que em verdade tratava-se de um aglomerado de capilares.

Malpighi estendeu suas pesquisas à botânica, editando o notável tratado *Anatomes Plantum* (ou *Anatomia Plantarum*), em 1675, considerado o primeiro trabalho-referência na morfologia das plantas. Desenvolveu também investigações pioneiras em embriologia, estudando ovos fertilizados de pássaros e os primeiros estágios de formação de diferentes membros e órgãos de pintos e pássaros durante o desenvolvimento embrionário, publicados em *De Ovo Incubato*, de 1671, e *De Formatione Pulli in Ovo*, de 1672, com o texto inovador acompanhado por ilustrações de impressionante precisão.

Observações sobre a anatomia de insetos em larvas de bichos-da-seda revelaram pela primeira vez, em 1669, a complexidade da estrutura de invertebrados que, ao contrário do que se pensava, tinham também seus órgãos internos.

Pelas importantes descobertas em medicina, embriologia e botânica, Malpighi foi considerado por muitos especialistas o “pai e fundador da histologia e da anatomia microscópica funcional”, sendo reconhecido pelos mais importantes meios científicos europeus e admitido, em 1667, como membro da Royal Society of London, a mais prestigiosa sociedade científica do continente. Convidado a regularmente enviar à instituição resumos de suas observações, foi promovido, dois anos depois, a membro honorário, especial distinção a cientistas estrangeiros feita pela primeira vez a um cidadão italiano. Seu retrato foi exposto na galeria de grandes cientistas no prédio da Royal Society of London, onde pode ser visto próximo ao de Isaac Newton.

Referências

1. Bresadola M. A Physician and a Man of Science: Patients, Physicians, and Diseases in Marcello Malpighi's Medical Practice. *Bull Hist Med.* 2011;85:193-221.
2. Pouyan N. Marcello Malpighi, the Founder of Biological Microscopy. *J Microbiol Res.* 2014;4(4):170-3.
3. Motta P. Marcello Malpighi and the Foundations of Functional Microanatomy. *Anat Rec.* 1998;253(1):10-2.
4. Encyclopaedia Britannica 2009. Marcello Malpighi.
5. DiDio LJ. Marcello Malpighi: the father of microscopic anatomy. *Ital J Anat Embryol.* 1995;100 Suppl 1:3-9.
6. Encyclopedia of World Biography 2010. Marcello Malpighi Facts.
7. Kiernan F. The Anatomy and Physiology of the Liver. *Phil. Trans. R. Soc. Lond.* 1833;123:711-70.

Malpighi teve a perspicácia e a imediata intuição de perceber o enorme potencial de um novo recurso técnico, o microscópio, desencadeando uma nova era do conhecimento anômico-científico.

Os registros históricos revelam ainda que, além de eminente anatomista e cientista desbravador do universo microscópico da anatomia humana, teria sido também destacado médico clínico, atendendo e respondendo consultas médicas inclusive pelo correio, numa época em que o diagnóstico clínico baseava-se, sobretudo, nos relatos dos pacientes. Em torno de Malpighi teria se desenvolvido ampla rede de relacionamento profissional e social, estratégica na promoção de sua carreira de clínico e na divulgação de suas ideias científicas. A última década de vida ter-lhe-ia trazido fatos também muito desagradáveis. Com problemas de saúde, continuou a sofrer oposição de setores acadêmicos resistentes às inovações da ciência e invejosos de seu prestígio pessoal e profissional. Sua residência incendiou-se, com perda irreparável de documentos, livros, microscópios e outros aparelhos.

Malpighi foi considerado por muitos especialistas o “pai e fundador da histologia e da anatomia microscópica funcional”,

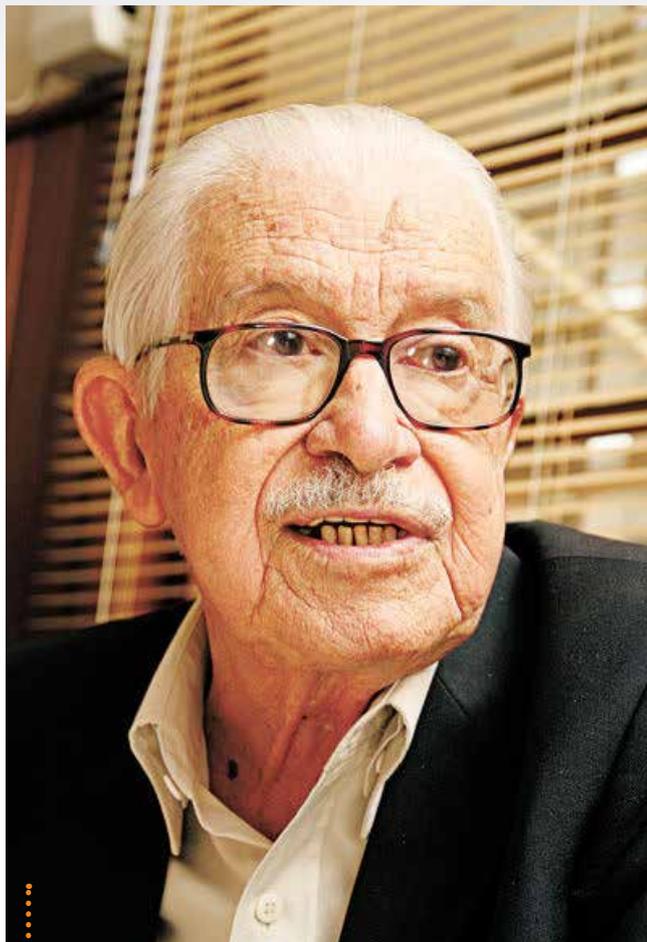
Era amigo de Pietro Antonio Pignatelli, um cardeal católico ligado a Bolonha e eleito Papa Inocêncio XII em 1691. Convidado a ser seu médico pessoal, Malpighi teria resistido ao chamado, mas, por fim, acedendo e sendo nomeado “*cameriere segreti partecipanti*”, honroso cargo com funções de conselheiro. Além da distinção como médico, a função garantia-lhe uma casa próxima ao palácio papal e a manutenção do posto e do salário de professor em Bolonha, além de poder manter a prática clínica privada.

Marcello Malpighi faleceu em Roma de acidente vascular encefálico hemorrágico, em 29 de novembro de 1694, aos 66 anos. Está sepultado na Igreja de Santi Gregorio e Siro, em Bolonha, onde há um monumento em mármore com inscrições em latim destacando, entre outros aspectos, “o grande caráter, a vida íntegra, o espírito forte e determinado, o incondicional amor pela arte médica”.

A perda de um grande mestre

Prof. Joffre Marcondes de Rezende

Por Heitor Rosa, Editor e amigo



Prof. Joffre Marcondes de Rezende

Em 26 de janeiro de 2015 o Brasil perdeu uma das maiores personalidades médicas do país. A Revista da SBH associa-se à medicina brasileira enlutada.

Professor Joffre para os colegas gastroenterologistas brasileiros, Mestre Joffre ou simplesmente Mestre, para os médicos goianos. Era mineiro de Piumhi (n.1921), porém o interior de Minas nunca saiu dele, pois cultivava a simplicidade que camuflava sua sabedoria.

Formado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (Praia Vermelha) em 1950, clinicou no interior de Mato Grosso antes de mudar-se para Goiânia em 1954; do seu casamento com Alzira Guanaes Dourado nasceram quatro filhos: Pedro, Angela, Joffre Filho e Paulo.

Atuando como Gastroenterologista em Goiânia, ainda na década de 1950, observou argutamente e criou o termo “manifestações digestivas da Doença de Chagas”. Como um dos fundadores da Faculdade de Medicina em 1960 (posteriormente incorporada à Universidade Federal de Goiás), tornou-se o chefe da Disciplina de Gastroenterologia do Depto. de Clínica Médica. Neste serviço fez as mais importantes contribuições e publicações sobre a fisiopatologia e clínica daquela doença, destacando-se a classificação de Megaesôfago, até hoje adotada. Foi um dos criadores da Revista Goiana de Medicina e seu editor por 35 anos; durante esse tempo a revista tornou-se um porta-voz e referência para as publicações sobre a Doença de Chagas, recebendo contribuições de todo o país e do exterior. Por seu intermédio, o NIH instalou o laboratório de imunologia da doença de Chagas na Faculdade de Medicina, que foi entregue à direção do Prof. Alejandro Luquetti, reconhecido pela OMS.

Além da grande produção científica sobre a doença de Chagas, Joffre Rezende destacava-se pela enorme cultura humanística e impôs-se como linguista pátrio e filólogo da medicina. De sua fabulosa biblioteca, destaca-se uma das maiores coleções originais de dicionários da língua portuguesa e de outros idiomas. Deixou o importante livro “Linguagem Médica”,



Além da grande produção científica sobre a doença de Chagas, Joffre Rezende destacava-se pela enorme cultura humanística e impôs-se como linguista pátrio e filólogo da medicina

único do gênero em língua portuguesa, já na quarta edição, o qual tornou-se obra de consulta obrigatória aos escritores médicos e não-médicos. Como sensível escritor, legou-nos um livro de memórias médicas- “Vertentes da Medicina” e um de Crônicas médicas – “À sombra do Plátano”(título resultante de suas visitas à Ilha de Cós, na Grécia, onde ensinava Hipócrates). Convidado pelo Conselho Editorial da Editora Unifesp, traduziu do grego os “Aforismos” de Hipócrates, livro publicado por aquela editora.

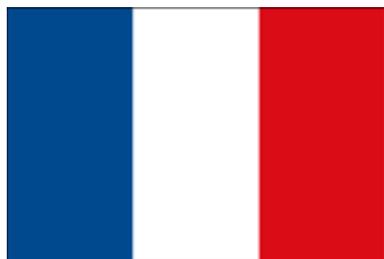
Introduziu o estudo da História da Medicina na Universidade Federal de Goiás, e, em 2013, publicou um tratado sobre o assunto, sob o título de “Seara de Asclépio”, com a colaboração de professores de diversas universidades brasileiras.

Além de ex-Presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, recebeu honrarias diversas, sem jamais citá-las em qualquer ocasião: Professor Emérito da UFG, Doutor Honoris Causa da UnB, Ordem do Mérito Anhanguera no grau de Grande Oficial, Honra ao Mérito do Conselho Regional de Medicina de Goiás, Grande Homenagem e Diploma de Mérito da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Comenda Nacional Fernando Figueira de Ensino Médico do Conselho Federal de Medicina, entre outros. Por ocasião do centenário de morte de Carlos Chagas, o Instituto Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz, selecionou os 15 melhores artigos publicados sobre a doença, incluindo o do descobridor, num universo de mais de 10 mil trabalhos. Um dos escolhidos foi o de Joffre Rezende. Entretanto, creio que sua maior virtude foi ser Professor e Educador, exemplo da simplicidade aliada às práticas pedagógicas à beira do leito; exigente cumpridor da Ética e da honestidade na pesquisa. Não tenho receio em colocá-lo na galeria dos grandes nomes nacionais, tais como: Magalhães Gomes, Fritz Köberle, Agostinho Bettarelo, Amaury Coutinho, entre outros de igual dimensão.

Joffre Rezende ajudou-nos a criar a Revista da SBH, mantendo sua colaboração em todos os números, como responsável pela seção de Linguagem Médica. O artigo atual foi escolhido por ele, mesmo doente. Assim como Rubem Alves, Joffre queria manter a coluna e selecionou vários artigos para futuras publicações, caso “não pudesse escrever”.

A equipe editorial e colaboradores lamentam profundamente a morte do respeitado e estimado professor, cientista e escritor. Sua memória será conservada e reverenciada em nossas edições.





Francês

Português

Portuglês

"Portuglês"

Um novo dialeto médico



Joffre Marcondes de Rezende
Filólogo, linguista e uma das
mais proeminentes figuras na
gastroenterologia brasileira.

Na primeira metade do século XX predominava no mundo ocidental a literatura médica francesa. A França era o centro irradiador da cultura. As famílias mais abastadas mandavam seus filhos estudar em Montpellier ou Paris, enquanto os estudantes que cursavam as nossas faculdades deviam saber francês, pois a maioria dos livros médicos vinha da França, desde a *Anatomia*, de Testut, até os livros de clínica médica, clínica cirúrgica e obstetrícia. Eram raras as traduções.

Nessa época, os professores das faculdades de medicina do Brasil esmeravam-se na linguagem, tanto falada como escrita. Lemos hoje com admiração as páginas que nos legaram Francisco de Castro, Miguel Couto, Carlos Chagas, Afrânio Peixoto, Rubião Meira, Almeida Prado e tantos outros.

Numerosos termos médicos vieram para o português através do francês. Condenavam-se os galicismos desnecessários, porém acolhiam-se aqueles que vinham enriquecer o acervo de nosso vocabulário médico.

Apesar da grande influência francesa na cultura brasileira, o nosso idioma preservou sua identidade e sobreviveu incólume. Isso porque o francês tem a mesma estrutura, a mesma sintaxe, as mesmas origens da língua portuguesa. São ambas línguas neolatinas. O enriquecimento da cultura indígena com os livros franceses não adulterou o nosso vernáculo, como testemunham os escritos médicos dessa época.

Na década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, teve início a hegemonia da medicina norte-americana, e livros e revistas em inglês foram aos poucos tomando o lugar das publicações francesas.

Tornou-se necessário aprender inglês, e os Estados Unidos passaram a ser a Meca das novas gerações de médicos, em busca de aprimoramento técnico.

Coincidentemente, na década de 1940 suprimiu-se em nosso país o estudo do latim e do



francês como disciplinas curriculares do curso secundário e deteriorou-se o ensino de humanidades em nossos ginásios e colégios. Chegou-se ao absurdo da dicotomia do ensino preparatório para ingresso nas universidades em curso clássico e curso científico, destinados, respectivamente, aos candidatos às carreiras técnicas e às humanísticas.

Na década de 1950 surgiu a televisão como força avassaladora, monopolizando o tempo e a mente das crianças e dos jovens, afastando-os progressivamente do hábito da leitura de bons livros, com reflexos negativos na evolução de nossa cultura e da nossa língua.

Houaiss chama a atenção para o paradoxo da época atual, em que a explosão vocabular da linguagem técnica coexiste com a pobreza da linguagem geral em uso pela maioria da população.¹ Acresça-se a isso a dificuldade de combinar sintaticamente as palavras e será fácil compreender a condição de semialfabetizados dos nossos vestibulandos.

É compreensível, nesta situação, a marcante influência que passa a exercer em nosso vernáculo um idioma estrangeiro, como o inglês, e periódicos científicos.

A classe médica, habitualmente displicente no trato da língua, tornou-se presa fácil dessa influência, incorporando à linguagem médica o vocabulário, a sintaxe e até a semântica da língua inglesa.

Desenvolveu-se gradualmente um verdadeiro dialeto, que poderia ser chamado de “portuglês”, ou seja, uma estrutura linguística própria da língua inglesa, travestida com roupagem da língua portuguesa.

Paradoxalmente, um dos fatores que mais têm contribuído para a consolidação desse dialeto são as traduções de livros do inglês para o português. Tive ocasião de abordar este assunto ao ensino de um comentário sobre a tradução do livro *Gastrointestinal Diseases*, de Sleisenger e Fordtran.² Nesse comentário afirmei:

“Lamentavelmente, a maioria das traduções de livros médicos que nos são oferecidas pelas editoras no Brasil deixam muito a desejar. De maneira geral, leva-se em conta, nessas traduções, apenas o aspecto técnico do texto, descurando-se totalmente do aspecto linguístico. Ocorre, entretanto, que até mesmo o aspecto técnico pode estar prejudicado pela má qualidade da tradução. Para uma boa tradução são requisitos indispensáveis no tocante à qualificação do tradutor: a) conhecimento do assunto; b) conhecimento da língua de origem; c) domínio da língua para a qual o texto vai ser traduzido. Qualquer deficiência em relação a um dos itens enumerados repercute forçosamente na qualidade da tradução. Infelizmente, o que mais tem contribuído para a má qualidade das traduções de livros médicos entre nós tem sido o descaso, a negligência e o despreparo dos tradutores no manuseio do nosso próprio idioma. Se, por um lado, dada a maneira como são feitas, constituem um desserviço à preservação da identidade da língua portuguesa.”

O “portuglês” se caracteriza pelo emprego constante da voz passiva, pela ordem inversa das proposições, pela sintaxe de colocação, pelos erros de regência verbal, pela adulteração semântica das palavras e pelas impropriedades léxicas. Eis alguns poucos exemplos:

“Este sinal é dito ser patognomônico” (*is said to be*)

“O resultado estatístico é mostrado na tabela” (*is shown*)

“É enfatizado o sintoma dor no câncer do pâncreas”

(*It is emphasized*)

“Em adição, observa-se o envolvimento dos músculos”

(*In addition, involvement*)

“Esta hipótese é assumida pelo autor” (aceita, admitida)

“Tem sido mostrado que os pacientes...” (*It has been shown*)

“Na doença de Hodgkin os gânglios cervicais podem ser aparentes” (visíveis, notados à inspeção)

“Os achados radiológicos são consistentes com embolia...” (compatíveis)

“Na falência cardíaca há considerável retenção de fluidos” (fluidos por líquidos)

“A aproximação diagnóstica” (*approach*, abordagem)

“O tratamento suportivo...” (de manutenção)

“A hipertensão arterial severa...” (grave)

“A inflamação granulomatosa pode ser um processo concorrente” (concomitante, simultâneo)

“A operação proposta está contraindicada em pacientes comprometidos” (de alto risco)

“O clareamento do antígeno viral...” (depuração, eliminação)

“É importante a aderência do paciente ao tratamento” (adesão, colaboração)

“Em caso de relapso dos sintomas” (recidiva)

“A medicação deve ser descontinuada” (interrompida)

E assim por diante...

Acredito que a única maneira eficaz de se preservar a identidade da língua vernácula será valorizando o seu estudo na formação das novas gerações, desde o curso fundamental.

Em relação à linguagem médica, é pelo menos confortador registrar a expansão, nos últimos anos, do movimento editorial em nosso país, com a publicação de excelentes livros e textos redigidos em português. Esses livros devem ser recomendados aos estudantes do curso médico, de preferência às traduções, por melhores que estas sejam.

Referências

1. Houaiss A. *Estudos vários sobre palavras, livros, autores*. São Paulo: Paz e Terra; 1979.
2. Rezende JM. Análises e resumos. *Rev. Goiana Med.* 1981;27:117.

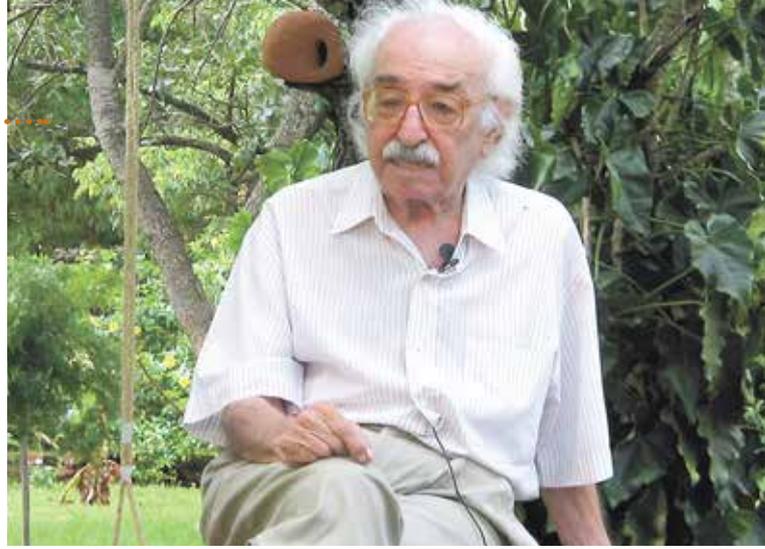
Um poeta do chão, mestre oleiro dos desenhos verbais de imagens

Quem visitou uma antiga olaria, aquelas nas quais tijolo ou telha não é o produto primordial, há de saber o inimaginável advindo do barro, pelas mãos de um oleiro. Massapê informe, jungido à água na proporção da experiência, rende-se, assume formas, significados cinzentos de barro cru. Ao sol da rubra fornalha, se avermelham, e tinem e, às vezes, racham. Em toda olaria desse matiz tem um artista plástico invejável, conseguindo brotar, do chão que não se olha, peças ingênuas como as do Mestre Vitalino (1909-1963) de Caruaru, Mestre Nuca de Tracunhaém, ou Nuca dos Leões, como era conhecido Manoel Borges da Silva, (1937-2014). Zezinho de Tracunhaém, sua arte franciscana adornada de pássaros, Abelardo da Hora e Francisco Brennand de Recife, Nenê Cavalcante de João Pessoa, inigualável e peculiar nas criaturas femininas que engendra e nos anjinhos quase barrocos, que percorrem mundo afora; Miguel dos Santos, grande artesão, pintor, gravador, estabelecido em João Pessoa (PB), natural de Caruaru (PE). Muitos outros difíceis de enumerar incandescem o mundo provindo do quintal do imaginário. O chão da arte primitiva e o da mais contemporânea engendraram desde as mãos que modelam às que cinzelam, colorem, reportam estórias inventivas ou o cotidiano, uma resultante, destinada a tanger a alma humana.

O traço de união entre a olaria da qual nos referimos e a poesia do grande poeta Manoel de Barros (1916-2014) reside no substrato que ocupou-se de enternecer, com sua habilidade de singelo, sensibilidade de criança, competência de poeta inovador, exímio, como sábio perscrutador de miudezas. Na entrada do seu livro *Poesia Completa* o autor se autodescreve, dispensando a veledade do intento de reverberá-lo, menos ainda explicá-lo. Divulgá-lo, homenageá-lo, em especial lê-lo e repeti-lo é uma suave e duradoura medicina de poções-criança, urdididas de intelecto e espanto.



Waldir Pedrosa Amorim
Hepatologista, poeta de enorme talento e cultura poética.



Manoel de Barros se introduz:

“Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para agente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os impossíveis verossímeis de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer para passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.”

Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem

Carlos Drummond de Andrade afirmou em 1986 ser Manoel de Barros o maior poeta brasileiro vivo. Antonio Houaiss, um dos mais importantes filólogos, dicionaristas e críticos brasileiros, foi menos abrangente, porém conseguiu numa análise concisa dizer seu afeto por sua obra: “A poesia de Manoel de Barros é de uma enorme racionalidade. Suas visões, oníricas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor”. Esses atributos mencionados por Houaiss explicam, em parte, a razão pela qual Barros atingiu um público imenso e quase unânime, que apreendeu com os seus *desenhos verbais* a abeberar a poesia como um ato de introjeção e um rito necessário à vida. Junto a ele certamente também encontraremos o nonagenário poeta Daniel Lima, desentesourado na undécima hora de vida; a poeta Cora Coralina das terras do querido Goiás, do nosso editor e grande escritor Heitor Rosa; mulher simples, doceira de profissão, viveu longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, legando-nos uma poética rica em motivos do cotidiano nos becos e ruas históricas de Goiás.

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá (MT), no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, em 19 de dezembro de 1916, filho de João Wenceslau Barros, capataz com influência naquela região. Mudou-se para Corumbá (MS), onde se fixou de tal forma que chegou a ser considerado corumbaense. Tinha um ano de idade quando o pai decidiu fundar fazenda com a família no Pantanal: construir rancho, cercar terras, amansar gado selvagem. Nequinho, como era chamado carinhosamente pelos familiares, cresceu brincando no terreiro em frente à casa, pé no chão, entre os currais e as coisas “desimportantes” que marcariam sua obra para sempre. “Ali o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhadação das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno.” Com oito anos foi para o colégio interno em Campo Grande, e depois no Rio de Janeiro. Não gostava de estudar até descobrir os livros do padre Antônio Vieira: “A frase para ele era mais importante que a verdade, mais importante que a sua própria fé. O que importava era a estética, o alcance plástico. Foi quando percebi que o poeta não tem compromisso com a verdade, mas com a verossimilhança”. Um bom exemplo disso está num verso em que afirma: “a quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso”. E quem pode garantir que não? “Descobri que servia era pra aquilo: ter orgasmo com as palavras.” Dez anos num internato fez-lhe adquirir disciplina e rebeldia aos clássicos. A dimensão de liberdade chegou-lhe com *Une Saison en Enfer* de Arthur Rimbaud (1854-1871). A ideia de se fixar no Pantanal e se tornar fazendeiro ainda não se consolidara no poeta. Seu pai propôs-lhe arranjar um cartório, mas ele preferiu passar uns tempos na Bolívia e no Peru, “tomando pinga de milho”; de lá foi para Nova York, onde morou um ano. Fez curso sobre cinema e pintura no Museu de Arte Moderna. Pintores como Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh e Braque reforçavam seu sentido de liberdade. Percebeu que a arte moderna oportunizava enxergar que “uma árvore não seja mais apenas um retrato fiel da natureza: pode ser fustigada por vendavais ou exuberante como um sorriso de noiva”, que “os delírios são reais em *Guernica*, de Picasso”. A sua poesia, já se nutria de imagens, de quadros e de filmes. Chaplin o encanta por sua despreocupação com a linearidade. Para Barros, os poetas da imagem são Federico Fellini, Akira Kurosawa, Luis Buñuel (“no qual as evidências não interessam”) e, entre os mais novos, o americano Jim Jarmusch. Confessou-se sempre um vedor de cinema em tela grande e em silêncio.



Desenhos de Manoel de Barros e ilustrações de Martha Barros

Publicou o primeiro poema aos 19 anos, mas sua revelação poética ocorre aos 13 anos de idade, ainda estudava no Colégio São José dos Irmãos Maristas, no Rio de Janeiro, cidade onde residiu até terminar seu curso de Direito, em 1949. Mais tarde tornou-se fazendeiro e assumiu de vez o Pantanal.

Escreveu aproximadamente 18 livros de poesia e ainda várias obras infantis e relatos autobiográficos. Foi detentor de diversos prêmios literários, entre os quais dois Jabutis, um em 1989 com o *Guardador de Águas* e outro no ano de 2002, com o *Fazedor do Amanhecer*. O poeta foi agraciado com o Prêmio Orlando Dantas em 1960, conferido pela Academia Brasileira de Letras ao livro *Compêndio para Uso dos Pássaros*. Em 1969 recebeu o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal pela obra *Gramática Expositiva do Chão* e, em 1997, o *Livro sobre Nada* recebeu o Prêmio Nestlé de âmbito nacional. Em 1998, recebeu o Prêmio Cecília Meireles (literatura/poesia), concedido pelo Ministério da Cultura.

De acordo com sua biografia organizada pelo sítio Re-leituras, numa entrevista concedida a José Castello, do jornal *O Estado de S. Paulo*, em agosto de 1996, ao ser perguntado sobre qual era sua rotina de poeta, respondeu:

“Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo ‘lugar de ser inútil’. Exploro há 60 anos esses mistérios. Descubro memórias fósseis. Osso de urubu, etc. Faço escavações. Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro séculos para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. E gosto de ouvir e ler *Vozes da Origem*. Gosto de coisas que começam assim: ‘Antigamente, o tatu era gente e namorou a mulher de outro homem’. Está no livro *Vozes da Origem*, da antropóloga Betty Mindlin. Essas leituras me ajudam a explorar os mistérios irracionais. Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento.” Era um homem alegre, pacato, simples e festejado pelas crianças, mormente seus vários netos e bisnetos. Teve vida longa, perdas e atribulações que a sua resiliência soube dar conta. Morreu no dia 13 de novembro de 2014, aos 97 anos

de idade, em um hospital de Campo Grande (MS). Cheguei a imaginar que o ano de 2014 tornara a nossa literatura um queijo suíço cheio de lacunas, favos sem mel, em razão dos bocados que nos sacou o tempo, privação da contemporaneidade com prodigiosos poetas e escritores.

Vou preferir rever minhas digressões. Acontece, via de regra, o que deveria acontecer. É mesmo um Prometeu desacorrentado, que se replica em outros, que o sucederão e herdarão a influência dos bons antepassados. A língua portuguesa se regozija do seu escritor. Imortal não são os acadêmicos ou a academia, é a *herdade* literária.

Em 1644, John Milton escreveu:

Pois os livros não são, absolutamente meros objetos inanimados, mas contêm, sim, em si mesmos, uma vida em potencial, que é tão ativa quanto aquela que anima a criatura de quem eles são a progênie; e não apenas isso, mas eles ainda preservam, como se em um frasco, a mais pura eficiência extraída daquele intelecto vivo que os engendrou.

Quase trezentos anos depois, em 1900, o poeta norte americano Walt Whitman, motivo de uma de nossas publicações passadas neste periódico, fez eco desse idêntico sentimento:

*Camarada! Isto não é um livro,
Quem toca isto, toca um homem.*

Assim teremos sempre o nosso belo escritor Manoel de Barros. Como de hábito, finalizamos com uma seleção das primícias do poeta.

“Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento”

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Aprendimentos

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura
é o caminho que o homem percorre para se conhecer.
Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim
falou que só sabia que não sabia de nada.
Não tinha as certezas científicas. Mas que aprendera coisas
di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas
das árvores servem para nos ensinar a cair sem
alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado
sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente
aprender o idioma que as rãs falam com as águas
e ia conversar com as rãs.
E gostasse mais de ensinar que a exuberância maior está nos in-
setos do que nas paisagens. Seu rosto tinha um lado de ave. Por
isso ele podia conhecer todos os pássaros do mundo pelo cora-
ção de seus cantos. Estudara nos livros demais. Porém aprendia
melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar.
Chegou por vezes de alcançar o sotaque das origens. Se ad-
mirava de como um grilo sozinho, um só pequeno grilo, po-
dia desmontar os silêncios de uma noite!
Eu vivi antigamente com Sócrates, Platão, Aristóteles —
esse pessoal.
Eles falavam nas aulas: Quem se aproxima das origens se renova.
Píndaro falava pra mim que usava todos os fósseis linguis-
ticos que achava para renovar sua poesia. Os mestres prega-
vam que o fascínio poético vem das raízes da fala.
Sócrates falava que as expressões mais eróticas são donzelas.
E que a Beleza se explica melhor por
não haver razão nenhuma nela. O que mais eu sei
sobre Sócrates é que ele viveu uma ascese de mosca.

1. Barros Manoel de, 1916 Poesia completa / Manoel de Barros – São Paulo: Leya, 2010.
2. <http://www.releituras.com/biografias.asp>
3. O homem que amava muito os livros de autoria de Allison Hoover Bartlet, Ed. Seoman 2009.
4. Betty Mindlin, Vozes e computadores: gerações de narradores,
5. exemplos indígenas na Amazônia.
6. <http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>

A medicina no mundo que nos cerca



Foto: Marcio Custódio

Notícias sobre o avanço da dengue nas áreas urbanas do Brasil tornaram-se diárias. Só no Estado de São Paulo, o crescimento, em seis semanas deste ano, foi de 163%, com a previsão de que se chegaria a 90 mil casos no ano; no país, foram 196,3 mil no ano passado. Razões centrais: migração de vetores para grandes áreas urbanas – assim como já aconteceu com a malária, a leishmaniose, a oncocercose; e agora se fala em ebola, em febre amarela (há casos já diagnosticados em Goiás) e em Chicungunya.

No cotidiano brasileiro, a discussão no dia-a-dia dificilmente consegue escapar da relação medicina-meio ambiente, pois as causas das doenças estão imbricadas na relação humana com o meio ambiente, já que todas as ações humanas têm consequências na água, no ar, no solo, em relações com as espécies vivas. E as doenças, assim, advêm de nossas deficiências na relação com o meio físico. Com a agravante de que os recursos governamentais destinados à área da saúde são mais do que insuficientes. Há poucos meses o Congresso Nacional reduziu os recursos da União para essa área, que já haviam caído em R\$ 21 bilhões. Para 2016, por exemplo, estão previstos R\$ 10 bilhões, menos que as médias anteriores.



Washington Novaes
Articulista do jornal O Estado de S Paulo



Foto: Marcio Custódio

Nossos índices urbanos de poluição do ar estão duas vezes acima dos limites toleráveis, diz a Organização Mundial da Saúde

Mas quem contabiliza na área da saúde as questões derivadas das nossas deficiências em matéria de saneamento básico, gravíssimas, com as políticas explícitas ou implícitas que amontam dezenas de milhões de pessoas em áreas urbanas que não são dotadas de infraestruturas de saneamento básico? No país todo, quase 40% das residências (com 80 milhões de pessoas) não são ligadas a redes públicas de esgotos, perto de 10% sequer recebem água tratada, e, no entanto, no país a perda média, nas redes de distribuição, é de quase 40% da água que sai das estações, com alto custo de captação e tratamento. E menos de 40% dos esgotos coletados são tratados, o restante é despejado nos rios, sendo essa a maior causa de poluição das águas no país. Precisariamos investir R\$ 500 bilhões em 20 anos nessa área, mas estamos aplicando pouco mais de R\$ 10 bilhões anuais, diz a Organização Mundial da Saúde (OMS). Que consequências terá isso e muito mais no campo da medicina? O que acontecerá se metade do nosso lixo domiciliar (que é de mais de 250 mil toneladas diárias) vai para lixões, com chorume escorrendo para os rios, a população exposta a tudo que pode haver de perigoso nos resíduos? O que poderá fazer a medicina se os resíduos de construções também têm o mesmo destino do lixo, inclusive os resíduos altamente tóxicos do amianto, já proibido em tantos países, mas aqui ainda fabricado à razão de mais de 300 mil toneladas anuais? E a poluição do ar, que, que em cinco anos foi responsável, só no Estado de São Paulo, por 99 mil mortes, segundo a Organização Mundial da Saúde? Nossos índices urbanos de poluição do ar estão duas vezes acima dos limites toleráveis, diz a OMS. Matam 1,5 vezes mais que os acidentes de trânsito, três vezes mais que o câncer de mama. E o que esperar se a cada dia estamos colocando perto de 13,5 mil veículos novos nas ruas? Para complicar mais o panorama, lembram a Agência Nacional de Saúde e o IBGE (10/12/14) que, embora a porcentagem de fumantes no país tenha caído em 20,5% em cinco anos, ainda temos 14,5% de fumantes na população (homens, 19,2%; mulheres, 11,2%). E 10,7% da população – ou mais de 20 milhões de pessoas – são “fumantes passivos”,

expostos em suas residências à fumaça geradas pelos fumantes. O tabagismo, diz a OMS, mata 200 mil pessoas por ano no país (no mundo, 5 milhões), com 4 mil substâncias tóxicas gerando câncer no pulmão (90% dos casos), 25% dos infartos e outros problemas.

No mundo todo, com mais 50 milhões de pessoas que passaram a fumar em um ano, o número de fumantes já supera 1 bilhão. Há progressos por aqui, como a lei que proíbe o fumo em recintos fechados de uso coletivo – mas ainda é pouco para enfrentar essa “epidemia”, como a classifica a OMS. Na Austrália, diz a Universidade Nacional haver constatado em suas pesquisas que o risco de morte prematura é três vezes mais alto para os fumantes que para os não fumantes; dez cigarros por dia dobram o risco, um maço o multiplica para de quatro a cinco vezes.

Se mais de 1 bilhão de pessoas, segundo a ONU, “defecam ao ar livre” todos os dias, por não disporem de instalações sanitárias em suas casas, continua extremamente difícil para a medicina – que já faz muito – enfrentar todos os dramas que decorrem de nossas precárias relações com o ambiente que nos cerca. Mas é preciso seguir em frente. “Nossa missão é tentar”, já escreveu um filósofo. “O resto não é da nossa conta.”



Jamais esquecerei



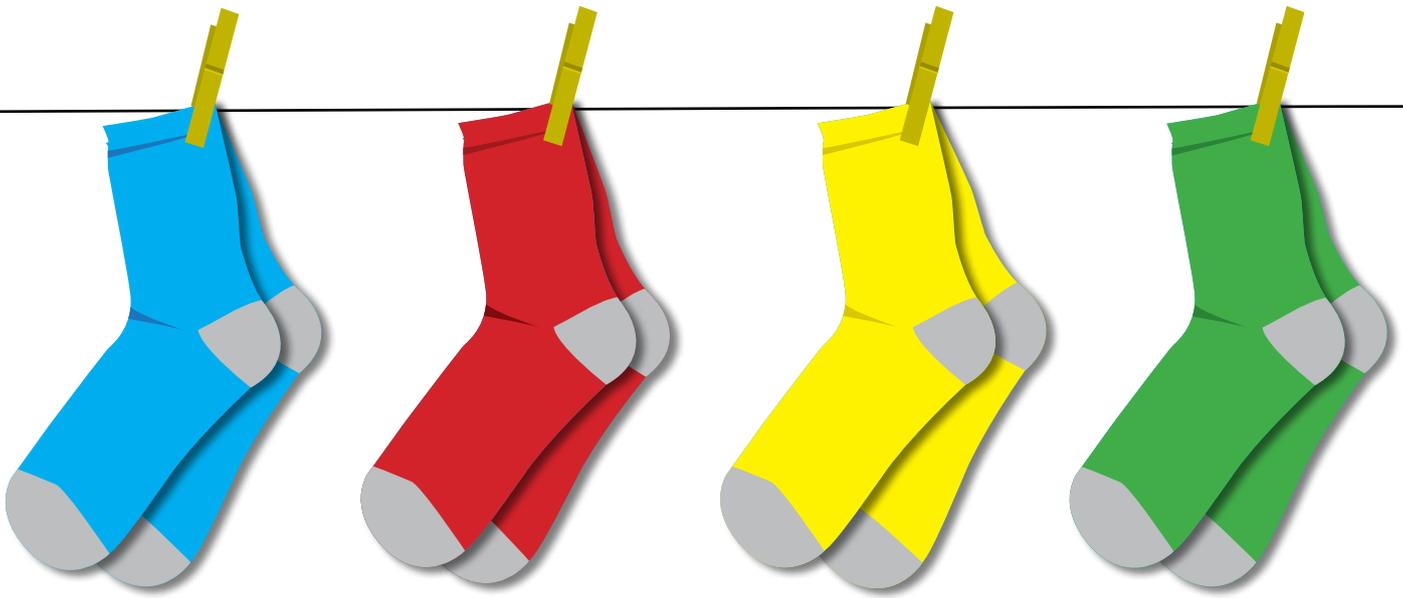
Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Todo mundo acha engraçado a falta de memória. O maior exemplo é o Alzheimer, uma doença que ninguém respeita (nos outros) e faz piada sem sentimento de culpa ou medo. Acho que é a sensibilidade do medo escondido. Existem, entretanto, várias formas de perturbações da memória confundidas com essa doença.

Eu me lembro de um colega que foi fazer homenagem (2001 ou 2004?) a um professor recentemente falecido. Não me lembro do nome dele, isto é, do colega. Depois eu lembro. O auditório estava repleto, e, ao fazer a abertura, o colega (ainda não me lembrei) pediu à plateia silenciosa um minuto de silêncio (!) em “homenagem ao inesquecível (*pausa*)... Nosso inesquecível (*pausa*)... Esse homem inesquecível (*pausa*)... Ao recentemente falecido (*pausa*)... Esse mestre da hepatologia (*pausa*)... Ao jamais esquecido (*pausa*)...” Alguns engraçadinhos, sentados na primeira fila, não queriam perder a piada, e “sopravam” outros nomes, embora soubessem de quem se tratava. Carlos Chagas? Não; Clementino Fraga? Não. Por fim, o homenageante jogou a toalha. “Isso não quer dizer que o esqueci; jamais o esquecerei, assim como todos nós.” O silêncio foi substituído por fortes palmas: palmas para os esquecidos, homenageador e homenageado. Por enquanto ainda não me lembro dos nomes dos dois, mas isso já não importa mais. Onde estávamos?

Sim. Falta de memória.



Vejamos os caducos. A caduquice é um termo e estado mental em extinção. Antigamente todo velho (o adjetivo idoso é de uso recente) ficava desmemoriado, e o fato era naturalmente aceito; o velho tinha obrigação fisiológica de ficar caduco para a diversão dos netos. Hoje não, a caduquice pode ser patológica e será Alzheimer até que se prove o contrário. Se houver dúvida quanto ao reconhecimento clínico, o velho poderá ser um “alzduco”, um estado mental meio Alzheimer, meio caduco.

– E a sua avó, como vai?
– Bem, está lá caducando. É uma graça.
– É, velho é assim mesmo.

Outro defeito de memória é a do político preso ou indiciado.

– O senhor se encontrou com o doleiro Laptop?
– Não me lembro.
– Mas ele disse que vocês tiveram vários encontros.
– Não me lembro nem sei de nada. Tenho Alzheimer.

Existe também uma forma aguda subclínica ou mínima de Alzheimer, predominante em mulheres tipo “gerentonas” ou homens alcoólatras, nas quais predomina a falta de memória para fatos recentes, permanecendo a lembranças antigas que interessam.

– Por que a senhora está fazendo tudo ao contrário daquilo que disse e prometeu em seus discursos de campanha?
– Não me lembro.
– Então quem disse aquilo?

“Mas o pior caso é aquele em que o bom homem dá um carinhoso abraço na cintura de uma supergostosa, que demonstra seu espanto dando-lhe um tapa no rosto”

– O FHC, certamente para me prejudicar.
– Prejudicar o quê?
– Não me lembro.

Em conclusão, mentira é sempre do adversário, a do envolvido é lapso de memória.

Outro diagnóstico diferencial é entre os distraídos e os desmemoriados. O distraído calça meias de cores diferentes, uma azul e outra vermelha, por exemplo, e fica duas horas na fila da Gol quando seu voo é da TAM. Depois disso a mulher marca uma consulta com o neurologista.

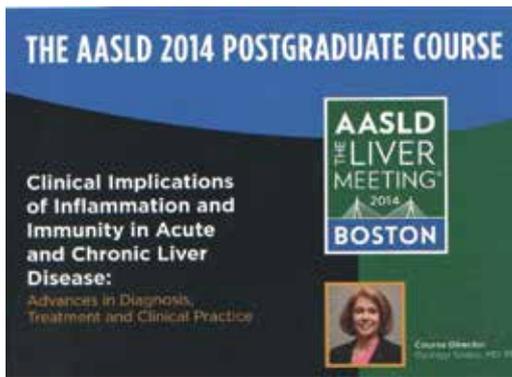
Mas o pior caso é aquele em que o bom homem dá um carinhoso abraço na cintura de uma supergostosa, que demonstra seu espanto dando-lhe um tapa no rosto.

– Desculpe, eu jurava que era minha sobrinha.
– E o senhor pega na bunda da sobrinha?

Enfim, podemos ver que Alzheimer não é tão comum como se imagina.

Boletim SBH

Muitos brasileiros no maior congresso de hepatologia do mundo

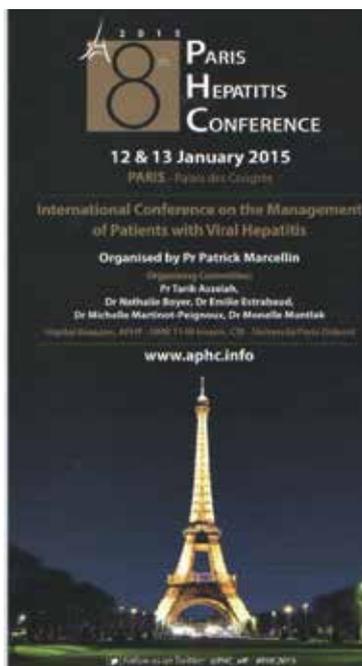


Aconteceu em Boston entre 7 e 11 de novembro de 2014 mais um “Liver Meeting” da Associação Americana para o Estudo do Fígado (AASLD), com cerca de 10 mil participantes e aproximadamente 300 brasileiros. Como de costume, o curso de pós-graduação foi preparado pelo presidente que estava para assumir. Em 2015 teve início o comando da Dra. Gyongyi Zsabo, que, além de bonita, inteligente e simpática, mostrou qualidades apreciadas pelos brasileiros ao dançar com ginga, durante o jantar dos membros da AASLD.

Gyongyi Szabo é uma das nossas convidadas internacionais para o curso de pós-graduação e o Simpósio Internacional de Álcool, Vírus e Esteatose evoluindo para Câncer e para o XXIII Congresso da SBH. Além de falar sobre novos alvos terapêuticos na esteato-hepatite alcoólica e não alcoólica (simpósio), ela vai discorrer também sobre o tema do último “postgraduate” – ou seja “Implicações clínicas da inflamação nas doenças do fígado” e “Papel da inflamação na cura de doença hepática crônica” dentro da programação do XIII Congresso SBH.

SBH participa ativamente da SBAD em 2014

Aconteceu no Rio de Janeiro, entre 22 e 25 de novembro mais uma Semana Brasileira do Aparelho Digestivo. Esse evento marcou o retorno da SBH à SBAD organizando um curso pré-congresso e participando da grade de programação científica. Também nesse evento tomou posse da presidência da FBG a Dra. Maria do Carmo F. Passos. Esse fato é inédito na gastroenterologia clínica brasileira, sendo ela a primeira mulher a assumir o cargo. Mineira de tradição, Maria do Carmo tem solidez em seus conhecimentos e é firme em suas decisões, esbanja simpatia e já conquistou os hepatologistas. A entrevista da SBH com a nova presidente da FBG encontra-se ainda nesta edição. Renomados colegas que fazem hepatologia foram convidados para participar de sua diretoria, e ela vem acenando com várias atividades em conjunto com a SBH.



8th Paris Hepatitis Conference 2015

Pelo oitavo ano consecutivo, sempre no gelado mês de janeiro, reúnem-se hepatologistas de todo o mundo para discorrer sobre atualizações em tratamento das hepatites virais crônicas, tanto pelo vírus da hepatite C como pelo vírus da hepatite B. Também em 2015, durante dois dias inteiros, liderados pelo Prof. Patrick Marcellin, do Hospital Beaujon, 80 palestrantes discorreram para uma plateia de cerca de mil médicos.

Na hepatite C o foco maior esteve sobre os novos antivirais orais, já em uso em alguns países. As particularidades de seu uso nos diferentes genótipos da hepatite C bem como sua maior ou menor eficácia conforme o grau de fibrose hepática ou resposta a tratamento prévio foram os temas quentes das apresentações. Na hepatite B tanto a ampliação de indicações para a quantificação do AgHBs como associação de tratamentos e novas drogas ainda em testes foram os assuntos mais debatidos.

II Simpósio de Hepatologia do Centro-Oeste e Reunião Monotemática da SBH – coagulação na doença hepática



O monotemático da SBH aconteceu no dia 6 de março de 2015, no Hotel Mercure, em Brasília, DF.

O objetivo dessa reunião foi definir os conceitos emergentes sobre a coagulação em doença hepática compensada e descompensada. Outro ponto importante foi a revisão e a atualização dos métodos de avaliação da coagulação, considerando as particularidades do paciente com cirrose e deficiência de síntese de vários dos fatores implicados na coagulação. O dilema entre evitar o sangramento, sem provocar trombozes foi amplamente discutido. Diferentes tipos de sangramento possíveis no cirrótico foram analisados em suas particularidades, e as respectivas terapias sugeridas. Como já é de praxe na SBH, um grupo de relatores elabora, a partir das apresentações um documento para ser publicado e encaminhado aos sócios da Campanha da SBH para incrementar o diagnóstico e o acesso ao tratamento da hepatite C.



Campanha de detecção da hepatite C

A Sociedade Brasileira de Hepatologia continua com sua campanha de detecção da hepatite C em todo o Brasil através da realização do teste rápido e também através da campanha “45 anos ou mais”, considerando que pacientes com de 45 anos ou mais devem ser testados para a doença. A SBH vem pleiteando junto às outras especialidades médicas a difusão dessa

campanha. Veja nota sobre o Dia Mundial das Hepatites. Além disso continua o programa do Fibrosan itinerante, que já percorreu os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Ceará e beneficiará agora Maranhão, Pernambuco e Sergipe. Enquanto isso novas turmas deverão receber treinamento, sendo o primeiro deste ano no mês de abril, na cidade de São Paulo.

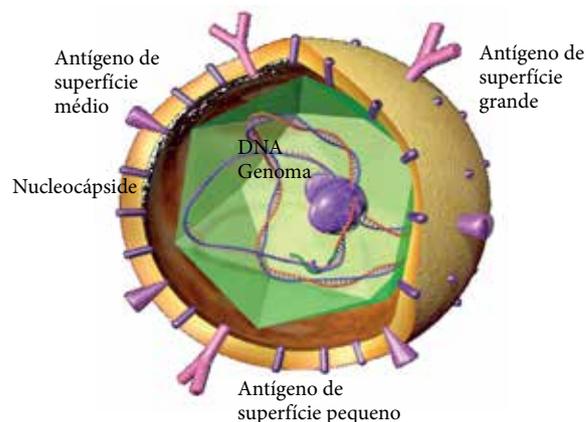
Primeiro marcador de hepatite B completa 50 anos

Foi em 1965 que Blumberg descobriu o “antígeno Austrália”, que mais tarde se identificou como a partícula de superfície do vírus da hepatite B. Isso mudou a história da hepatologia. Nos anos 1980, após a descrição completa do vírus, as pesquisas avançaram, e chegou-se a uma vacina – a primeira no mundo capaz de evitar um câncer.

A vacinação universal contra a hepatite B só se tornaria meta realística depois de 1992 e certamente contribuiu eficazmente para diminuir a expansão da doença. É difícil imaginar a quantidade imensa de casos de câncer de fígado que teríamos, caso não houvesse esse controle da hepatite B em vários países, inclusive o Brasil.

Em 2015 comemoramos os 50 anos do descobrimento do primeiro de seus marcadores, que deu origem a inúmeras investigações e ao conhecimento de outros vírus das hepatites e, posteriormente, ao seu controle terapêutico. Avançamos muito, mas a luta não terminou!

Para celebrar estes 50 anos a SBH patrocina na região amazônica, durante o Simpósio de Hepatologia da Região Norte, a reunião para definir diretrizes de hepatite B e delta que será



realizada nos dias 26 e 27 de julho de 2015 com a participação de eminentes hepatologistas internacionais, como Maria Buti, Rafael Esteban, Stanislas Pol, Geoffrey Dusheiko, Norah Terrault, Alan Kay, Marina Beringuer, Rajender Reddy e Christian Treppe.

Acontece



Em Porto Alegre, de 19 a 21 de março

Com a presença dos nossos queridos amigos da “terrinha”, dá-se continuidade a essa reunião científica e fraterna entre Portugal e Brasil.

Promoção:



Patrocínio:



Bristol-Myers Squibb



LaborMed



Takeda



Zambon

Próximos eventos – agende-se!



Está excelente o programa da reunião de Baveno VI – Estratificando riscos e individualizando os cuidados com a hipertensão portal – que acontece nos dias 10 e 11 de Abril de 2015, na cidade de Baveno, Itália.

50th Annual Congress of The European Association for the Study of the Liver – The International Liver Congress EASL
22 - 26 April 2015 / Áustria, Viena

XXIV Semana de Fígado do Rio de Janeiro

Com o monotemático da SBH “Cirrose e suas complicações”
Acontece no Rio de Janeiro – Hotel Windsor, Copacabana
de 20 a 22 de maio de 2015

The Global Viral Hepatitis Summit – 15º Simpósio Internacional sobre Hepatites Virais e Doenças Hepáticas

Ocorre a cada cinco anos, ao redor do mundo. Em 2015 será em Berlim, organizado pelo Prof. Michael Manns de 26 a 28 de junho.

Hepatologia do Milênio – XVIII Simpósio Internacional de Terapêutica em Hepatite Viral com o monotemático da SBH sobre “Hepatotoxicidade”

Salvador, BH. de 22 a 24 de julho de 2015.

Simpósio de Hepatologia da Região Norte

Belém do Pará. 26 e 27 de julho de 2015

Dia Mundial das Hepatites

Já estamos nos preparando para o dia 28 de julho, Dia Mundial das Hepatites Virais. Em conjunto com a Sociedade Brasileira de Imunologia, a campanha deste ano visa, através da AMB e das diferentes sociedades médicas de todo o país, sensibilizar os médicos de todas as especialidades, para o problema da hepatite C. O teste precisa ser solicitado a todos os indivíduos com mais de 40 anos não só pelo clínico geral, mas em qualquer consulta médica, como do ortopedista ou do urologista, além do ginecologista, do dermatologista e tantos outros.



Confirmadas as presenças de eminentes professores de todo o mundo no XXIII Congresso da SBH, em São Paulo

Na programação preliminar do congresso já confirmamos a presença dos palestrantes estrangeiros abaixo relacionados



Arun Sanyal (Estados Unidos)

Curso de Pós-graduação

Novos alvos terapêuticos para a esteato-hepatite.

XXIII Congresso da SBH

Semelhanças e diferenças na patogênese das doenças hepáticas alcoólicas e não alcoólicas.

O ônus da doença hepática gordurosa não alcoólica em todo o mundo.



Bin Gao (Estados Unidos)

Curso de Pós-graduação

Mecanismos emergentes de lesão pelo álcool: o papel da interleucina 22.

XXIII Congresso da SBH

Interleucinas no tratamento da doença hepática alcoólica.



Claudio Tiribelli (Itália)

XXIII Congresso da SBH

Células-tronco e o carcinoma hepatocelular.

O papel da medicina translacional no entendimento e no manejo do carcinoma hepatocelular.



Gyongyi Szabo (Estados Unidos)

Curso de Pós-graduação

Novos alvos terapêuticos na esteato-hepatite alcoólica e não alcoólica.

XXIII Congresso da SBH

Implicações clínicas da inflamação na progressão da doença hepática crônica.

Influência da resolução do processo inflamatório na cura da doença hepática crônica.



Heiner Wedemeyer (Alemanha)

XXIII Congresso da SBH

Manejo do paciente com hepatite B anti-HBe positivo.

Velhos e novos desafios no tratamento da hepatite delta.



Helena Cortez Pinto (Portugal)

XXIII Congresso da SBH

Cuidados especiais com o câncer e o transplante hepático.

Mecanismos fisiopatológicos na transição de esteatose para esteato-hepatite.



Hidekazu Tsukamoto (Estados Unidos)

Curso de Pós-graduação

Novos alvos terapêuticos para a fibrose hepática.

XXIII Congresso da SBH

Como a ciência básica pode melhorar o manejo da doença hepática crônica alcoólica.



Joseph Llovet (Espanha)

Curso de Pós-graduação

Novas perspectivas de tratamento para o carcinoma hepatocelular.

Novas drogas para o carcinoma hepatocelular.

XXIII Congresso da SBH

Tratamento do CHC irressuscável em estágio intermediário: condutas atuais e perspectivas futuras.

Controvérsias no tratamento do carcinoma hepatocelular.

Marina Beringuer (Espanha)

Curso de Pós-graduação

Manejo da hepatite C no contexto do transplante hepático.

XXIII Congresso da SBH

Desfechos de longo prazo na sobrevida prolongada pós-transplante hepático.

Tratamento atual da hepatite C no pré e pós-transplante.



Michael Fried (Estados Unidos)

XXIII Congresso da SBH

Como melhorar o acesso e o tratamento de pacientes com hepatite C.

Efetividade do tratamento com drogas orais no cirrótico com genótipo 3 da hepatite C.



Moises Diago (Espanha)

XXIII Congresso da SBH

Tratamento de não cirróticos com hepatite C genótipo não 1.

Biomarcadores de fibrose nas hepatites.



Patrick Kamath (Estados Unidos)

XXIII Congresso da SBH

Diagnóstico e conduta na "Acute on chronic liver failure".

Controvérsias nas condutas para insuficiência renal.



Phillippe Mathurin (França)

Curso de Pós-graduação

Recentes avanços na terapêutica da hepatite alcoólica.

XXIII Congresso da SBH

Diagnóstico e tratamento da colestase na hepatite alcoólica.



Ramon Bataller (Espanha)

Curso de Pós-graduação

Há diferenças entre esteato-hepatite alcoólica crônica e hepatite alcoólica?

XXIII Congresso da SBH

Fibrose hepática: fatores que influenciam sua formação e resolução.



Mark Sulkowski (Estados Unidos)

XXIII Congresso da SBH

Tratamento do paciente coinfestado HCV/HIV.

O futuro do tratamento da hepatite viral C.



15 convidados internacionais
no Congresso 2015

Confirma também alguns importantes
temas do Curso de Pós-graduação

Simpósio de Hepatologia da
Região Norte



Diretriz
Hepatite B e Delta da SBH

50 **HEPATITE**
B
anos

26 e 27
Julho **2015**

www.sbhepatologia.org.br